

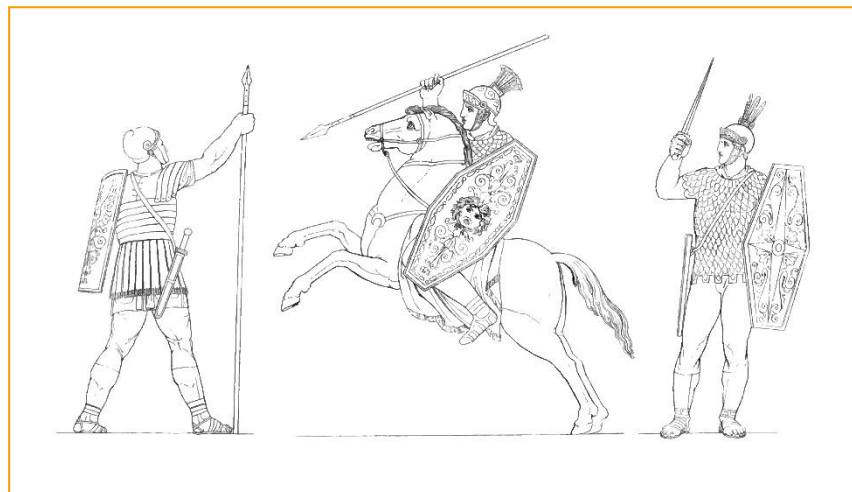
Os Romanos no concelho de Vila Nova de Famalicão¹

Sabias que...

Os **romanos**, originários da Península Itálica, desde muito cedo começaram a alargar os seus territórios conquistando terras à volta do mar Mediterrâneo. Tal só foi possível porque tinham um grande exército, bem organizado e disciplinado.

Com o objetivo de controlarem o comércio no Mediterrâneo que era detido pelos cartagineses, os romanos desembarcam na Península Ibérica em 218 a. C.. Depois de terem derrotado os cartagineses, os romanos conhecedores das riquezas da Península

decidiram ficar e aumentar o seu território. Mas a conquista da Ibéria não foi fácil tendo demorado quase 200 anos.



Os primeiros contactos diretos que os povos desta região terão tido com os romanos datam das campanhas de *Decimus Junius Brutus* (Cônsul da Hispânia Ulterior) que, segundo as fontes, terá entre 138 e 136 a.C. avançado, em expedição de reconhecimento até ao rio Minho. Posteriormente foi obrigado a retroceder devido a ataques dos Brácaros. Por se tratar de uma zona com alguma dificuldade de controlo, só na época de Augusto, em 19 a. C., se conseguiu pacificar. Data da época deste imperador (Augusto)

¹ Texto de Felisbela Leite, arqueóloga do Município de Vila Nova de Famalicão

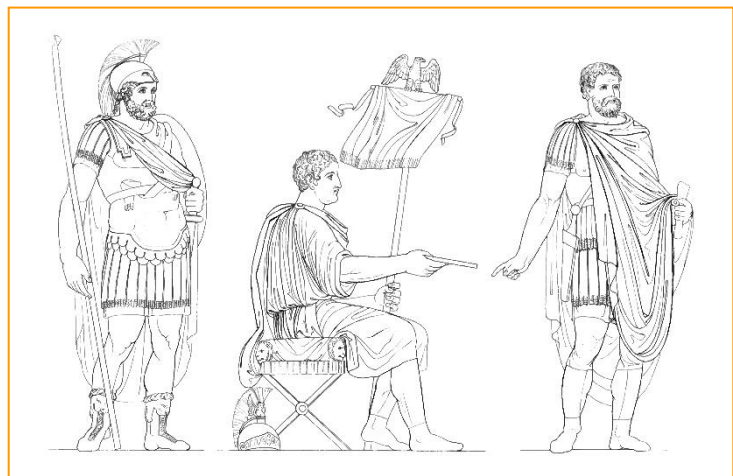
a primeira reorganização territorial romana, que fez com que o atual concelho de Vila Nova de Famalicão ficasse inserido no território de *Bracara Augusta*, *oppidum* do qual dependia administrativamente.

Que mudanças ocorrem com a chegada dos romanos?

Quando a conquista se tornou efetiva, finais do séc. I a.C., os romanos dividiram o seu território em **províncias**,

conventus e **municípios**, e tentaram que os povos dominados adotassem a forma de vida, língua e cultura romana.

Mas, na maioria dos casos, não usaram a força para mudar a



forma de vida dos castrejos. Alguns romanos até se instalaram nos castros, para praticarem o comércio tendo feito pactos de amizade. Nesta época começa-se a sentir um lento e gradual processo de aculturação, conhecido por **romanização**, que se vai fazer sentir nos castros a vários níveis.

- No Urbanismo

Os romanos eram muito organizados e planeavam com muito cuidado a construção das suas cidades e dos seus edifícios. As cidades antes de serem construídas eram planeadas ao pormenor com a definição de arruamentos, de implantação dos equipamentos de utilidade pública como rede de abastecimento de água e esgotos, e

de localização dos edifícios públicos como teatros, templos, fóruns e termas. Sob esta influência, os povoados castrejos começam a reestruturar-se e a organizar-se de forma ordenada, ao longo de ruas de acesso, as casas começaram a ser construídas com plantas retangulares e a usar telhas no telhado.

A partir de meados do séc. I, as populações começam a instalar-se junto aos vales, aparecendo novas formas de habitat: cidades, vilas, e quintas, mais consonantes com a política vigente e que consiste na valorização e exploração intensiva da terra tornando-a uma fonte de rendimento económico.

- Nas Atividades económicas

A produção agrícola vai aumentar e ao lado de espécies até então cultivadas, surgem novas espécies como a oliveira e a vinha.

A cerâmica vai ser o material que mais indícios de aculturação nos vai fornecer, já no séc. I a. C. começamos a encontrar louça romana de luxo junto com a cerâmica castreja que evolui no sentido dos padrões funcionais estilísticos romanos. As formas cerâmicas tornam-se mais variadas. A mica vai desaparecer das pastas cerâmicas que



Taça de sigillata hispânica,
recolhida no Castro das Ermidas

vão passar a ser muito bem cozidas apresentando quase sempre cores claras. A par destas, surgem cerâmicas finas consideradas de luxo e que eram importadas - *Terra Sigillata*, paredes finas e ânforas.

Nota-se o aumento da atividade metalúrgica. Os objetos em ferro que até

então não apareciam em grande quantidade, surgem com muita frequência, principalmente os que estão relacionados com a construção e a agricultura.

A economia romana dependia essencialmente do comércio. Todas as províncias eram incentivadas a produzir excedentes que eram comercializados noutras zonas do império. A base dessa economia era a moeda, que nesta zona, surge pela primeira vez.

- Na língua

Com os romanos chega também, o latim e o alfabeto romano que passam a ser, progressivamente, utilizados pelas populações locais. Surgem os primeiros documentos escritos, normalmente gravados na pedra, as **epígrafes**.

Muito do que sabemos hoje sobre os romanos e sobre os povos que moravam nesta região deve-se aos romanos que escreveram sobre os mais variados temas e géneros literários.

- Na Religião

Os romanos eram politeístas. Prestavam culto aos deuses domésticos, aos deuses públicos e com a formação do império, ao imperador. Os cultos eram realizados em aras e nos templos, através de orações e sacrifícios. Só no séc. IV é que o Cristianismo, religião muito perseguida no império, foi proclamada a religião oficial do Império Romano.

A Estação Arqueológica de Perrelos

Os dados disponíveis permitem afirmar que no tempo dos romanos a área geográfica correspondente ao atual concelho caracterizava-se por um grande florescimento, a vários níveis, devido ao facto de se encontrar perto da capital do *conventus*, *Bracara Augusta*, cidade de quem dependia.

O concelho abrangia uma grande área rural, com terras muito boas para a prática da agricultura, e era atravessada por uma importante Estrada (a via XVI), que terá contribuído de forma decisiva para a implementação da atividade comercial bem como, possibilitado ligações permanentes ao resto do império.

A Estação Arqueológica de Perrelos com a sua previvência, ao longo de mais de dois mil anos, é um bom exemplo de como se desenvolveu o processo de romanização, da ocupação efetiva romana e posterior passagem de vários povos bárbaros até à formação da nacionalidade, no nosso concelho. Motivo bastante para que o local tenha sido classificado como Sítio de Interesse Público em 2013.

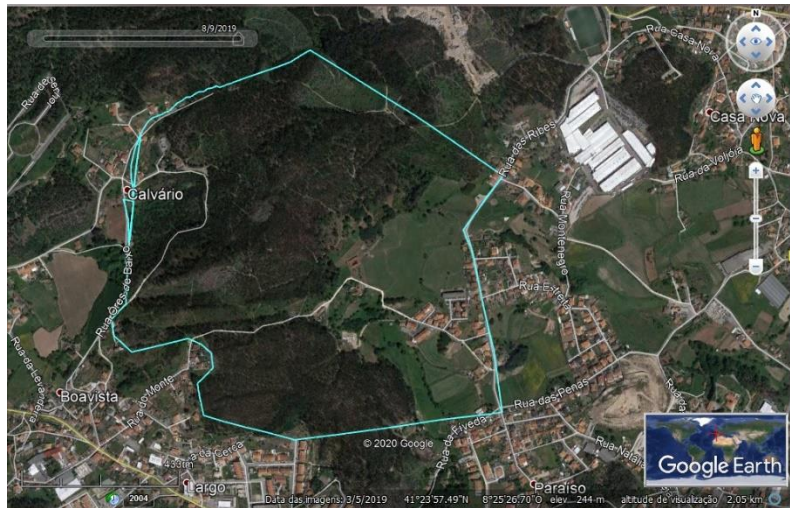


Estação Arqueológica de Perrelos

Onde fica localizada a Estação Arqueológica de S. João de Perrelos?

Atualmente dividida administrativamente pelas freguesias de Delães, Ruivães e S. Simão de Novais, Oliveira S.

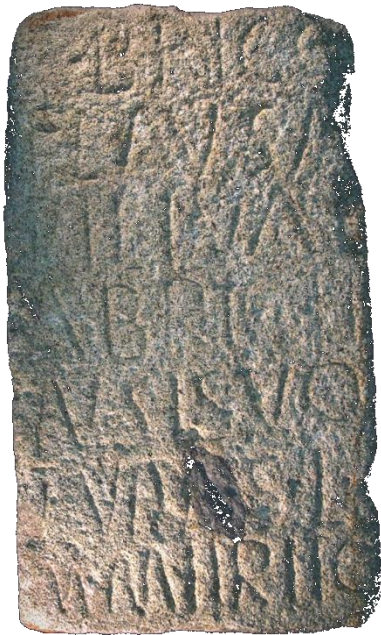
Mateus e Oliveira Santa Maria, do concelho de Famalicão, distrito de Braga. A estação arqueológica de Perrelos ocupa uma área com



cerca de 82 hectares, num relevo de média altitude que se desenvolve paralelo ao rio Ave e separa dois vales, o do Ave e o do Pele.

Como é caracterizada a Estação Arqueológica de Perrelos?

Durante o primeiro milénio a. C. (antes de Cristo) o topo do monte de S. Miguel foi



ARA
(Encontrada em S. Miguel-O-Anjo)

ocupado por uma comunidade que aí construiu um castro, o Castro de S. Miguel-O-Anjo. Apesar do povoado não ter sofrido escavações arqueológicas, os vestígios encontrados à superfície tais como: fragmentos de **tégula** e tijolo, cerâmica de influência romana, moedas, e uma **ara** dedicada a *A(vo?)bricus*; provam que o povoado sofreu um forte processo de romanização.

Este processo, pelos dados disponíveis, revela-se lento e progressivo fazendo com que, gradualmente, as plataformas próximas do povoado comesçassem a ser ocupadas com construções tipicamente romanas até que, já no séc. III a população já se encontrava completamente estabelecida no sopé do monte tendo aí construído, a julgar pela importância dos materiais encontrados durante as escavações, um **vicus**.



Em http://arqueologia.vilanovadefamalicao.org/visita-virtual/visita-virtual_perrelos5.htm tens acesso a uma **visita virtual** que te permite ver um pouco do que existe na estação.

Quando foi escavada e o que foi encontrado?

Do aglomerado urbano que se supõe existir no local, fariam parte algumas estruturas habitacionais e um edifício com **hipocausto** que tem vindo a ser escavados desde 1997.

O edifício com hipocausto construído durante o séc. III da nossa Era terá inicialmente servido como termas, embora lhe faltem alguns dos compartimentos que fazem parte integrante de uma estrutura deste tipo. As escavações arqueológicas efetuadas permitiram pôr a descoberto o *praefurnium* e o *hypocaustum* do que se julga ser o *caldarium*.

Nos finais do séc. IV / inícios do séc. V, o edifício foi reestruturado, passando a ter uma funcionalidade diferente. Pertence a esta fase de ocupação a maior parte da



Telhas romanas (tégula e imbrex)

informação disponível sobre esta estação romana. O **prefúrnio** foi dividido em dois compartimentos, um dos quais terá sido utilizado como fundição dado que **escórias** de ferro e de bronze, nódulos de argila, fragmentos do bico de um

fole, algumas barras

de estanho e moedas do séc. IV, calcinadas são os materiais mais abundantes. Sobre o **hipocausto** ter-se-á instalado uma habitação, uma vez que, de entre as pilastras, foi exumado um abundante espólio caracterizado por cerâmica de mesa e de cozinha, nomeadamente pratos e taças que imitam as **sigillatas** cinzentas paleocristãs, alguns fragmentos de sigillata hispânica tardia, frigideiras, potes, taças de vidro de cor verde maçã, moedas de Constantino, Constante e Juliano e alguns materiais de ferro, tais como, facas e dobradiças. Nesta fase, a casa pertenceria a um ferreiro já que em toda a parte Norte, ao longo da estrutura, foram encontradas concentrações de pingos de fundição e espumas resinosas. A Este, existiria um pátio, parcialmente coberto, onde foi encontrada uma balança à qual estavam associados alguns materiais metálicos, de entre os quais uma asa de **pátera** em bronze. Este achado poderá sugerir que se trata de materiais destinados a serem refundidos.

Embora a atividade metalúrgica fosse a principal fonte de rendimento desta casa, esta era complementada pela atividade agrícola, documentada no achado de um

cambão em ferro encontrado no pátio da casa, e de um chocalho muito semelhante aos que ainda hoje se colocam no gado bovino.

Numa fase de ocupação mais avançada, por volta do séc. V/VI, começam a surgir casas construídas em madeira, de planta retangular e com telhados em telha, na periferia do povoado. Desta época são poucos os vestígios recolhidos o que ainda não nos permite saber com precisão como viviam as populações. Terá sido contudo, esta comunidade que nos séculos posteriores, IX a XIII, construiu, onde se encontra atualmente a capela de S. João de Perrelos, uma igreja ou mosteiro românico. Alguns muros e decorações deste estilo encontradas nas escavações realizadas entre 1995 e 1997 apontam para a existência de um espaço sacralizado à volta do qual se desenvolveu um cemitério.

Para saberes mais sobre a Estação Arqueológica de Perrelos podes consultar

http://arqueologia.vilanovadefamalicao.org/index2.php?1&it=sitios_arqueologicos&cop=971&ctd=271&LG=0&SID=&mop=416

Nota: todas as palavras a laranja podem ser pesquisadas no glossário do portal da arqueologia em

<http://arqueologia.vilanovadefamalicao.org/index2.php?co=12&tp=3&cop=0&LG=0&mop=1160&it=pagina#H>

Ficha técnica:
De Famalicão para o Mundo – Recursos didáticos

Autor:
Arminda Ferreira

Coordenação Científica:
Isabel Barca e Luís Alberto Alves

Colaboração
Texto de Felisbela Leite
(Gabinete de Arqueologia do Município de Vila Nova de Famalicão)

Vereador da Educação, Conhecimento e Cultura
Leonel Rocha

Edição
março de 2020

Município de Vila Nova de Famalicão
Praça Álvaro Marques,
4760-502 Vila Nova de Famalicão
Tel.: 252 320900

www.famalicao.pt
www.famalicaoeducativo.pt
<http://www.famalicaoeducativo.pt/de-famalicao-para-o-mundo-contributos-da-historia-local>